

# A RAZÃO

Director e Editor: — LUÍS FILIPE COELHO

SEMANARIO REPUBLICANO

N.º 49 do 3.º Ano

Redacção e Administração: — Rua Trindade Coelho, 27

Guimarães, 23 de Dezembro de 1926

Composto e Impresso na Tip. de «A Tradição» — F. A. P. E.

## Como dantes...

E' triste, é lamentavel o ter de reconhecer-se que depois de tantos sacrificios feitos, depois de tantas lutas, de tantos esforços postos ao serviço da boa doutrina, dos bons principios, continuamos exactamente como estavamos no periodo mais acido das disensões, das desavenças, das quasiunculas mesquinhas. Quando a todos se deveria impôr um unico dever — o dever sagrado de procurar persistentemente, continuamente, tornar maior e mais gloriosa a realisação da Ideia por que tantos e tantos se tem batido — que vemos nós?

O mesmo desolador espectáculo, o mesmo ambiente asfixiante, todo o sudário das pequeninas, das reles contendas. O personalismo, mal compreendido e exagerado, continua a ser, para muitos, a determinante de todas as attitudes. Não se discutem os homens pelo que eles possam realmente valer. Discutem-se os homens procurando fazer avultar os seus poucos ou muitos defeitos. Não se cura de saber se tal ou tal individuo presta efectivamente bons serviços à classe a que pertence e ao país. Atacam-se pessoas cuja estrutura moral é intangível procurando apresentá-las como criaturas de baixo estofio. Porque há alguém que, desprezando preconceitos tolos, a todos fala e a todos respeita, vá de dizer-se que esse alguém convive com carrejões e com engraxadores.

A preocupação tola e imbecil de certos criticos baratos, de certos moralões descategorisados consiste em, quando se vêem perdidos e tosados no mais delicado das masélas próprias, querer descobrir nos outros, correctas e aumentadas, as masélas em que porventura lhes tenham mexido.

Como dantes... exactamente como dantes...

Suponhamos — suponhamos simplesmente... — que estavamos numa época em que todos os republicanos, fôsse qual fôsse o seu crêdo partidário, deveriam unir-se, fazer uma frente única e dedicarem-se exclusivamente à defeza das instituições.

Como poderia tal união, tal frente única realisar-se se os próprios que deveriam constituir a salta para se darem as mãos, mas para se combaterem, para se degladiarem em lutas desairosas e mesquinhas?

Quando surgirá, neste país, o dia em que todos tenham a noção segura das suas obrigações, dos seus deveres e dos seus direitos?

Quando chegará a hora em que, frente ao perigo, só importe a todos os soldados da mesma Causa o que se passa para além da barricada?

## AOS REPUBLICANOS

*Contrariedades de toda a ordem, ausências forçadas, levaram-nos a deixar para tarde a análise àquela rasteira que «A Velha», de 4 do corrente, atira a este semanário. o amordoi, Ceteicabem, os de «A Velha» reeditam a pé'a de que somos inimigos do P. R. P. e intimam os seus membros nesta localidade a negar o seu auxilio á «A Razão».*

*E' uma excomunhão à maneira medieval, uma interdição imposta pelo sectarismo cafrino de quem não prima nem pela intelligencia, nem pelos sentimentos, nem pelo tctraec. E' uma aberração que, traduzindo impotência, significa tambem aiottai, megalomania, todos os achaques do vilão alcapremado a régulo.*

*Sensatez e amor da verdade, tudo isso se esvai e sume ante a cólera doida dos que se julgam intangíveis senhores disto, tudo isso é nada quando se quer amesquinhar os que não temem o papão e zombam da prepotencia.*

*Qual é o republicano que não sente e não vê, não lastima e não verbera os erros dos partidos? Qual o republicano de verdade que passe indifferente ante as tremendas inépcias dos partidos, a traduzirem-se, mesmo hoje, em lutas mesquinhas, crassas ambições, personalismos grosseiros? Haverá aí um republicano que não saiba que ao mau funcionamento dos órgãos partidários devemos nós, deve a nossa Republica as horas mais amargas, as vicissitudes sem conta que a tem alanceado? Paulo Faicã e Brito Camacho, Afonso Costa e tantos outros, não perderam a sua fé republicana, nem desertaram das hostes da Democracia; mas, abandonaram os partidos, fugiram dos partidos, incompatibilizados com tanto desregramento, com tanta crápula, com tanta desvergonha.*

*Quem há aí que o não sinta, que o não veja, que o não saiba? Infelizmente para nós, infelizmente para a Republica, ninguém desconhece isto, nenhum republicano tem escondido as suas mágoas por causa disto.*

*E, sendo assim, e reconhecendo-se a verdade do que f'ca dito, que admira que os republicanos, até os f'cados, saiam à estacada em defeza dos bons principios, em luta pelo bom nome e pelo prestigio do seu ideal? Que admira que a «A Razão» reconheça e caustique os erros dos partidos? Lapidar os maus políticos é o primeiro passo para a reconquista do terreno perdido, e de maus políticos estão os partidos cheios. Quem pode levar a mal esta nossa attitude?*

*E se combatemos os erros dos partidos, e, se no combate somos leais e justos — orgulhamo-nos disso — qual o motivo porque não haviamos de combater os erros do P. R. P.? Cretice seria o contrário.*

*Que motivo nos levaria a dar ao P. R. P. um tratamento diferente do que damos a qual'quer outro partido da Republica? Censuramos e louvamos, uns e outros, quando censura ou louvor merecem. De parcialidade no ataque, na censura, ninguém pode acusar-nos; de parcialismo no louvor, é do conhecimento de todos que já fomos acusados de órgão dos democráticos.*

*Esta a verdade nua e crua; estes os factos palpaveis contra os quais se vem esboroar a prosa envenenada de «A Velha Guarda». Se a isto juntarmos as provas que são de todos os dias, de que mesmo no ataque fomos comedidos, tendo sempre em vista não dar lenha para a fogueira, teremos dado a todos os que á «A Razão» prestam o seu auxilio a certeza absoluta de que é capciosa a argumentação do órgão do P. R. P.*

*Dissemos acima que nos vimos forçados por contrariedades várias a demorar a resposta ao artigo-rasteira de «A Velha». Manda a verdade que declaremos que, se essa foi uma das razões, outra houve bem mais para contar do que ela. E' que sempre nos repugnaram estas questões entre republicanos.*

*Ainda uma vez nos amarravamos à esperança de que justiça nos seria feita, sem que para isso necessitassemos de tomar posições de combate. Não o querem, não querem assim os políticos de mão-cheia. Seja.*

*Hoje, como ontem, como sempre, saíremos a campo para demonstrar que são condenaveis os interesses partidários, quando pretendem sobrepor-se ao bem da Republica. Sem entusiasmo, é certo, que nos não entusiasma a luta nestas condições; mas com a energia com que sempre pugnamos pe'lo bom nome deste semanário e pela nossa própria honra.*

...Ou será impossivel unirem-se todos os republicanos quando a vida, a pureza, a intangibilidade da Republica assim o exige?...

—Se continuarmos como dantes será... o que Deus Nosso Senhor quizer... Ficarão, com certeza, satisfeitos e contentes

os pescadores de águas turvas. Os que dedicada e desinteressadamente sabem honrar e defender as suas ideias, esses colherão do que se passar mais uma tremenda e significativa lição.

### Imposto de transacção

Está em pagamento desde 10 do corrente a 10 de Janeiro próximo o imposto de transacção por meio de livro, os meses de Janeiro e Junho do ano económico 1925-1926.

## Cabeça de turco

**BOCAS DE INCENDIO:** Ao 1.º projecto, que foi para a presidencia da Comissão Administrativa sem o visto do chefe da repartição das obras (sem o qual a responsabilidade é nula) e chamada a sua atenção para o preço exagerado do tubo de 1 1/2, notou então que o referido tubo, usado apenas para as ligações curtas, se destinava a todos os 250 m. do ramal, o que não podia ser por não dar a necessária pressão. Fez-se, pois, o segundo projecto com o indispensável tubo de 3" e mais uns acessórios que faltavam, sem incluir o T de ligação por se calcular que ele devia, previsivelmente, existir já no cano geral, e tudo ficou sanado sem melindre para ninguém.

A "Velha Guarda" é que, no seu propósito de sistematicamente se atirar á repartição das obras e achincalhar o seu chefe, trouxe para público a questão das bocas de incendio com picheleirões e tudo, com a moral esquisita de achar bem que se amesquinhem a repartição desse funcionario de cosas largas e de achar mal que dela se tome a precisa defeza com dados precisos, aos quais chama assoalhar.

Aquela dos 400 escudos de esquecimento é deprimido cartelo. Queriam estas criaturas que um orçamento, demais pela forma que as coisas estão, com preços variadissimos de casa para casa, possa ser rigorosamente a importância rial do custo da obra a que diz respeito.

O melhor é fazer o trabalho ad-hoc com largos imprevistos, ou como aquêlê engenheiro que dizia que o verdadeiro orçamento é aquêlê que se faz... depois da obra concluída.

**RAMAL DAS TAIPAS** — A construção deste ramal foi publicada e aprovada em 17 de Julho de 1926, mandando-se só então fazer o projecto respectivo. Este projecto foi nesse mesmo dia apresentado e feito em face da documentação de despesas da sua execução, isto é, já estava feito como no caso da pescada, que já o era antes de o ser.

C.

: Este numero foi visado :  
pela Comissão de Censura

José de Ceuta.

NATAL

(COSTUMES E USANÇAS)

Na véspera do Natal, nas aldeias, não se levanta o lume (não se deita a borralheira), deixa-se ficar a extinguir no lar. Quanto mais durar, mais fortuna para a casa.

Por isso não se apanha do lar, e há quem o vá alimentando por alguns dias sucessivos. Até aos Reis, muita gente o conserva. Assim também não se deve levantar a mesa, para que as alminhas venham ali altas horas comer.

Em Santa Leocádia, e provavelmente noutras partes, na véspera da noite do Natal, é costume pôr fora da porta de casa, à meia-noite, um prato com bocadinhos de todos os conestíveis da festa.

E' para as almas (e pelas almas). Mas é preciso que ao dar a meia-noite e ao pôr o prato, se leve uma luz; do contrário as almas não vêm comer.

E' fácil vê-las então em forma de borboletas brancas, as que estão em bom lugar; pretas, as que estão em mau. Na aldeia, para conhecer a meia noite, espera-se pelo cantar do galo, que naquela só canta àquela hora em ponto. Fora d'esse dia há galos que cantam a outra hora; mas cantando a hora certa, são tão estimados que muitas vezes, quando se quer comprar algum destes, a dona responderá:—«Ah! isso não vendo; é muito certo no canto».

ALBERTO V. BRAGA.

«Tradições e Usanças Populares»

Crónicas Soltas

BANALIDADES

XI

Andas a ler um livro cujas páginas sem fim te se luzem os sentimentos e o gosto—o livro das saias-curtas que a moda te diz serem mais económicas... e do maior agrado dos pais... exemplares que assim traçam a superfície da cabedga do homem a beleza das filhas decentemente despidas.

XII

Os meus olhos já não se espantam com as tuas pernas porque já demais estão cansados. Todos os dias, tu ou outras mulheres, as mostras quer no passeio, quer à sacada de suas casas. Ainda há dias a M..., ao ver-me, subiu mais, se era possível, a saia de meio palmo. E sabes o que mais a admirai nas suas pernas? Uns atilhos, umas tiras de farrapos a servirem de ligas a prenderem as meias de seda cor de carne. Ridículo, não é?

XIII

Não te recrimas. E's mulher, por isso mesmo acessível a todos os defeitos. Seria já um contrasenso na civilização moderna exigir de ti o contrário. Não serás tu, pois, quem te peça para vestires um verdadeiro vestidido que faça de ti uma antântica mulher que se deseja e não uma boneca com quem se brinca e cantela, não vá quebrar a corda das suas sensações...

XIV

Fui ao teatro. Lá estavam também. Melhor fora que não apparecessemos lá. Todos os olhares estavam em cima de nós, curiosos, para descobrirem os meus e os teus sentimentos. Os meus toda a gente procurou descobrir; o desejo.

Os teus—Só eu os sei; mostrares-te tal qual és aos sentimentos que chegam aborrecer-te porque és excessivamente bárbara num gulôzo...

AFONSO FRANÇA.

PELO DÊDO SE CONHECE... PELA CIDADE

Procuramos nos arquivos do Registo Civil o nome de Hermes Bacelar, mas não o encontramos; rebuscámo-lo entre os nomes dos illustres ornamentos desta cidade, mas foi tempo perdido.

Se pelo nome não nos foi dado conhecer a creatura, pelo dêdo e pela piada julgamos conhecer o gigante.

Curiosa metamorfose! Hermes Bacelar já não é o mesmo escritor que confundiu Quarteis com cavalariças querendo diferenciar cavalariças de Escolas.

Este é outro, vem em auxílio do outro que tão mal se desempenhou da incumbência.

Este tem maior prosápia e é mais pesado.

Passemos a responder às considerações do illustre Hermes Bacelar:

A. G. tem estômago, um estômago modesto, não se arreceia da lei das incompatibilidades.

A fonte de receita não espicacou a animosidade de A. G., se bem que poderia ser professor da mesma escola pelo processo como muitos o são: sem concurso, por portas travessas e servindo-se dos serviços políticos.

Mau é que a E. I. seja como qualquer outra do País, mas como é como qualquer outra do País, não haveria processo de melhoria-la?

O zelo e outros elementos de valor não poderiam ter já agido para melhorar as condições da E. I.? Ou só agora, em má ocasião, é que lhe ou lhes despertou o interesse pelo desenvolvimento da dita?

Concordamos que a E. I. — repare Hermes Bacelar que estou a emendar—está muito bem no edificio que ocupa, e mas não será edificio demasiadamente grande para tão pouca obra?

E' certo que *alguem*, pretende defender a continuação da E. I. no actual edificio, argumentando-me da seguinte maneira, argumento que já igualmente vi defendido pelo interessado da "Velha":

O edificio é necessário porquanto, qualquer dia, ter-se-há de proceder ao desencaixotamento dos maquinismos!!!

Pasmai, leitores, pasmai! Quarenta anos! quarenta anos são passados depois que tu, ó maquinismo, vieste visitar Guimarães!

Quarenta anos encerrado nesses tristes caixotes, quarenta anos sem uma unturasinha para te livrar da oxidação — cá também se sabe Química, mesmo sem ser aprendida nos famosos laboratórios — e só passados quarenta anos é que, os zelosos e competentes professores, se lembram de desencaixotar-te, a ti, pobre velho, ferrugento e desconjuntado.

Muito tempo levou a despertar o zelo! mas quando surgir a competência rapidamente as máquinas verão a luz do dia.

E' este é o argumento conselheiral que nos apresentam — julgando que nós vimos da Lourinhã?

Já é ser ousado. A E. I. para justificar o seu nome precisava que, de facto, se tornasse em Escola Industrial.

Como está — e esta é a verdade — poderá ser uma boa escola para aprender meia dúzia de disciplinas, meia dúzia de larachas, mas o que não é, não é, não é uma Escola Industrial.

Para justificar o seu nome precisa apenas de ser frequentada pelos operários que, a par de meia dúzia de larachas, aprenderiam os conhecimentos técnicos necessários à sua profissão.

Ali, na famosa Escola, podem os poucos numerosos alunos que a frequentam, alguns frequentam-na por favor, aprender desenho, duas trêtas em francês, o português dos contos fantásticos das Tibias ismaelitas, as Químicas e as Físicas rançosas, os desenhos mecânicos mal esboçados ou rudimentares, etc., mas nunca aprenderão os conhecimentos práticos indispensáveis à vida prática.

A E. I. precisa apenas para justificar o seu nome que... pergunte-o aos industriais de Guimarães, pergunte-o aos mestres das fábricas, pergunte-o ao mais humilde operário das oficinas que por essa famosa Escola tivesse passado.

Ande, Hermes Bacelar, mexa-se, faça um inqueritosinho.

E se quizer, duvido muito que queira, chegará a conclusões a que, até agora, não quizemos chegar.

Se não o quizer fazer, talvez o façamos nós.

A Hermes Bacelar fez mossa o D grande dos Duques.

Se eu fôsse administrador do concelho e Hermes Bacelar precisasse dum atestado de republicanismo, passava-lho sem hesitar, mesmo sem o seu indispensável visto.

Arre, que já é ser Republicano. Duques com D grande — eu emendo — duques de bragança. Está bem assim?

Uma estátua em vida! e de barro!

Não esperava tanto da gratidão dos meus contemporâneos! Mande-lhe doirar as letras, sim? Para ficar mais baratinha, e se lá forem capazes, mande-a modelar na E. I.

Relendo o meu artigo verifiquei estar num tom de educação muito superior ao do inserto na "Velha", e publicado não seria se irritação não me causasse a leitura deste.

Olhe, Hermes Bacelar, illustre Hermes, não me arreceio de viajar, nem espero viajar tão cedo, salvo quando se verificar uma hipótese que não se dará.

De resto as viagens não me incomodam, até gosto, mesmo quando são das viagens de que certos patriotas da Sérvia se arreceiam.

Eu não escolhi um alvo, respondi como devia a um artigueiro mandado fazer pelo Sr. da E. I.

E' a resposta condigna aos insultos mal disfarçados, nesse artigo contidos.

E' para que os Senhores da E. I. saibam que um Quartel não é uma cavalariça.

Se a "Velha Guarda" não foi feliz no colaborador que escreveu, não temos culpa.

Pugna por uma causa justa?

E' uma opinião. A Comissão dos Monumentos Nacionais não deixará certamente de ler um dos n.ºs atrasados da "Velha Guarda" e verificar quem tem a razão invertida.

"A duplicidade de Indústria e Comércio"... Que palanfrório!

Já alguém reparou nos ansiosos da Escola? por acaso já algum dos seus membros — zelosos e competentes — solicitou dos poderes públicos os melhoramentos necessários? a imprensa de Guimarães — "Velha Guarda" — frente — já necetou alguma campanha nesse sentido?

Onde alojar as Metralhadoras? Num Quartel, respondeu o Hermes. Obrigado.

O que não pega é o vigário dum Quartel novo.

Para Hermes Bacelar, illustre desconhecido, continuó a ser sem identificação o

A. G.

UM SUICÍDIO — VÁRIAS

Com o amanhecêr de domingo, veloz correu a notícia do "estrangulamento" do padre Olimpio Rebêlo, pároco da freguesia de S. Paio, desta cidade.

Diziam têr sido "dois desconhecidos" os criminosos, e lamentavam a morte do pobre padre — "tão novo e tão estimado por todos".

As mais disparatadas versões sobre o nome e as mais variadas suposições sobre as causas que o determinaram, foram conversas d'esse domingo cheio de sol e de luz...

Não faltou quem, por tacañêz de espirito, dissesse que houvera sido morto por "uma seita de maçons", e menino houve também que atribuiu a sua morte a um escrito apparecido em "A Razão" ou "Velha Guarda" e o qual com êle se relacionava...

—Malandros! 'Stão co'a alma no inferno!...

Urgia desfazer o escândalo e necessário se tornava mentir, mentir canalhamente...

O povo, levado pelas lágrimas das beatas carpideiras, inventava, olhava de soslaí e cuspiam para o lado quando avistava um dos tais... que não vão á igreja...

E o cochichar era comprido rosário a desfilar, e as imprecações subiam para a honra dos que nunca se serviram de processos tão nojentos...

—Morreu o padre Olimpio!

E lá fomos indagar, ouvir e vêr.

Uma vêz em frente do cadáver, olhamos serenamente e logo acreditamos no suicídio.

—Mas não tem a lingua de fóra!

Tinha o banco a seu lado, os óculos pousados, o olhar semi-cerrado, a rigorosa compostura da batina, a veia que ardeu completamente, o seu quarto num alinhio invulgar e outros sintomas que ninguém ousou vêr — porque estavam d'olhar obcecado e com o ódio a brotar-lhes do peito.

—E que serêno ele está! Não há duvida; foi crime praticado por esses malandros, pelos tais embuçados. A Rouquinha até viu um deles a gesticular lá no quarto...

Seis e meia horas da tarde e surge um automóvel das bandas de Braga.

—E o agente Custódio das Dôres! Deus permita que êle "os descubra!"

E Custódio das Dôres procede á investigação e, confirmando o suicídio, quebrou os dentes á canalha que vê nos republicanos os sicários da religião de Cristo, os judeus que a desejam crucificar de novo.

VIL CANALHA!

Uma comissão resolveu, na véspera do Natal, no Asilo de S. Crispim, levar a efeito a ceia dos pobresinhos.

Muito louvavel e simpática a ideia, merece da nossa parte o maior dos respetos.

No cinema Chantecler realisaram-se, domingo e segunda, dois soberbos espectáculos com a "troupe" Carelli — Fatima — músicos excêntricos e bailadores. Foram muito aplaudidos.

Lêde e propagai

"A RAZÃO"

NATAL

A PERGUNTA DE BÊBÊ

Bêbê é um menino, Pequenininho E traquinha, Que por sêr um mân Tinha a sina Da no tú-tu levar sempre: tau-tau...

Um gulôzo sem igual, Quiz êle um dia sabêr Porque razão, no Natal, Tanto havia de comêr?...

—Olha, vai brincar, Agarrar Ao corêr! —Não, não, eu não quero... Sem sabêr

Que tanto doce trae p'ró... meu bom «Nero»?

E Bêbê todo atencão, Muito ancioso em ouvêr Uma boa explicação, Principiava a sorrir...

De olhar muito vivo, Intuitivo Com a mão Ele ia afagando O seu cão,

Enquanto começava eu narrando:

«Maria, Nossa Senhora, Mandára ir lá de França, Para as terras de Belém, Numa boa e feliz hora, Uma bonita creação, E tão pura como o bem...

Tinha o nome de Jesus, Filho era de S. José E de Deus que 'stá no céu... Flôr aberta para a luz, 'Sparçando perfume e fe, E amor que nunca morreu!

Mas, repáro agora, Sem demora Que 'stás triste! Que pensas, Bêbê?!... Não ouviste?!»

—Eu... sim... é... Estou-me a lembrar... Que Linda vou reazur...

—E tu não gostas, Bêbê, De ao Jesus resar? Pois olha; êle é quem é Que os bons doces te vai dar...

—Ah, sim?! Então gosto Muito dele... Amalquinho Ele é do meu «Nero!»

E com grande alegria no seu rosto, Bêbê bem disposto Por isto sabêr, Um beijo me roubou sem eu querêr...

Deitao a fugir Sempre a rir, Malquinho, Me disse a pinchar —O doilinho!

—«Olha, diz á mamã que fui resar...»

Natal de 1926 L. COELHO.

Licenças de uso e porte d'armas

São prevenidos todos os caçadores e pretendentes das licenças de uso e porte d'armas, a tirar em Janeiro proximo, de que se teem de munir com o bilhete de identidade que será apresentado juntamente ao pedido da referida licença, e sem o qual a não podem obter.

Assinaí

"A RAZÃO"

## CONVERSANDO

Turvam-se os ares, A' incorrecção do principio vai succedendo a mentira e o insulto, e o jornaleco vai-se transformando em pasquim, onde chulos se requebram e fadistas esgrimem. Turvam-se os ares e quanto mais se turvam—coisa curiosa—mais ganham em proporções, mais avultam e se definem os vesgos propósitos de suas santidades.

Que porcaria e que impudôr.

Pois, é verdade, amigos. Se não fôra esta clara electricidade, se não vissemos além as chaminés das fabricas e se os automóveis não estivessem todos os dias a atirar gente para o hospital e para o cemitério, de supôr seria que nos julgássemos em eras mediévas, no bom tempo das bulas fulminantes e das interdições prometedoras do inferno.

Ao lêr aquilo, lembrei-me do servo da gleba, do pau de resina e... dos carneiros de Panurgio. Os carneiros! Que falta não faz um Rabelais para dar a immortalidade a certas creaturas, pedantes ou zoilos, que se julgam investidos nas funções de Cesares, quando não vão além dos esgares ridiculos de sertanejos sobas, das pantominas carnavalescas de qualquer regulo de tanga nos quadris e rabo de papagaio atraz da orelha... O caco destes tiranetes de opereta deve dar excelentes caixas de rapé, não lhes parece?

Nós não sabemos fazer jornalismo. Nós mentimos, etc, etc... dz ali «A Velha». Não nos vestimos com penas de pavão, nem nos incham embofias de jornalistas.

Já aqui se disse. Mas lá que mentimos, venha de lá a prova.

De mentirosos os accusamos nós e provamo-lo mais uma vez. Quer vêr?

Aí vai:

Acusou «A Velha» os intrusos de quererem organizar patrulha. Que não, dissemos de cá; os intrusos não querem sêr cabos politiquieiros. Sabem o que responderam os talentosos jornalistas do orgão do P. R. P.?

Isto: Não, porque nós não deixamos.

Ora aí está. Onde digo digo, digo que não digo.

Convidados os excelsos jornalistas a dizer quando e onde lhes chamamos gatunos, saíram-se-nos suas reverendissimas com esta: não seremos nós que iremos transcrever isso.

Como se vê, é uma defeza de arromba, de deixar

de cara á banda estes mecos que ainda estão no abêcê do jornalismo.

E, para que isto, esta nobre resposta, não deixe bem á vista a miséria do intuito, vá de condimentá-la com os coices do costume.

Pobres truões... Nem rir fazeis ja.

.....  
E' restrito o dicionário daquêles génios.

Restrito como todos os dicionários escritos com ódio e escorrências de bilis. Vista uma página estão vistas todas as outras.

E' sempre o mesmo rabeção e sempre as mesmas notas.

Faz lembrar os velhos realejos de há meio século, que não iam além da Cavalaria Rusticana. Esta praga não tiveram os faraós.

.....  
Como em «A Razão» se protestasse contra a afirmação insidiosa de que os que agora se defendem dos ataques do orgão do P. R. P. estão em débito para com os talentos, diz «A Velha» que cantamos hoje que não podem distribuir favores. Ontem não seria assim. Cêbo para a resposta.

Um pateta não responderia tão alarvemente. Com que então, aquilo era o de Joana e estava á mercê dos reverendissimos?...

Era o tempo dos favores, bom tempo esse que lá vai. E a saudade com que eles o dizem... Não chorem. Isto há-de virar.

Quanto a pagar, estejam certos de que será como dantes: pagarão os votinhos dos que l'hos vendam a troco de prebendas e colocações, como no tempo da monarquia.

.....  
Hermes Bacelar, plúmivo que com a sua garridice tanto enfeita as colunas de «A Velha», esta-me a cheirar a pescador de colocação. Hum... Aquilo deve sêr *posta* a defender.

Ou me engano muito, ou este cavalheiro é dos que quer entrar pela porta do cavalo.

Hemos de vêr isso.

Até lá, vamos desopilando com aquêlê poder dialectico, aquêlê ró-có-có argumental que tanto o distinguem nas paragens onde vai dando aos fôles.

E' digno de entrar para a Escola.

.....  
Leram aquela local dirigida ao P. P.?

Que lhes disse eu? E' o insulto, a questão pessoal, o fossar da canalha na intimidade dos que pretende ferir.

E' o pasquim autentico ao serviço da rufiagem; é a peza na a dar lugar á *naifa*, o

homem a dar o passo ao rufia.

Peço desculpa aos cães, não vá a Sociedade Protectora dos Animais processar-me. Um cão—confesso-o—sempre está uns furos acima daquilo, de qualquer rufia.

O mais leproso lebeu, o mais chaguento rafeiro não envenena a dentuça antes de morder. Peço desculpa aos cães. E' de um rufia que se trata.

A vêr vamos se com o meu vinho eu caio de bôrco sôbre a honra de alguém.

Admiráveis de correccção, êstes histriões.

.....  
Se houvesse apenas republicanos conscientes, aquilo bastava para condenar o pasquim ao ostracismo.

Quando em gazêtas se usam tais processos, só há um meio de responder: cuspir-lhe.

.....  
Estou convencido de que a dictadura é um mal e que cometem grave êrro os que querem, á viva força, dar-lhe foros de sistema. Local e breve, pode produzir bons frutos. Tornada sistema, acabou sempre na tirania e na desordem.

Não é meu o que aí fica; é da História.

Que n'vê um elogio a Sila? Ninguém. Nem os seus colegas na ditadura se atrevem a traça-lo, a esboça-lo.

.....  
Só agôra lhes mordeu. E' pena, mas é explicável, dada a fraca sensibilidade dos botocudos. O nosso liceu ficou e está em tão boas condições que tem de pedir salas ao Internato para regular funcionamento das aulas. No que diz respeito a recrejos, são mais do Internato que do liceu. Quem quizer vêr, aparêça. Pobres bacorinhos! Não se afirmou nem se afirma no ar.

Querem vêr que Sancho Pança quer sêr armado cavaleiro?...

.....  
Mente!!! Escudada em lei vijente tomou a Câmara a resolução de obrigar ao seguro os seus serventuários. Vigora ou não essa lei!

Se vigora, estava no seu dever a Câmara; se não vigora, abusou.

Está neste pé a questão. Como já dissemos, prove que a lei não está em vigor e concordaremos. Até lá e deixe-se de quixotices.

.....  
Se a Câmara quizer, pode dar aos talentos a cópia de um telegrama mandado para Lisboa, antes de falarem os sabios, a tratar da questão de Vizela. Pena é que os seus apaniguados vão também pelo caminho da deslealdade.

Ao menos que contem tudo o que se passa no feudo.

## AVISO

São avisados os individuos interessados no lançamento e na liquidação da contribuição predial e da taxa complementar da contribuição industrial do ano de 1926-1927 e do imposto sôbre o valor das transacções e da taxa annual de contribuição industrial de 1927-1928:

Quanto a contribuição predial—Segundo os artigos 39.º do decreto n.º 9040, de 9 de agosto de 1923, e 36 do decreto n.º 8830, de 16 de maio do mesmo ano, modificados pelo decreto n.º 10691, de 14 de abril de 1925, os proprietários e usufrutuários ou possuidores, por qualquer título, de prédios urbanos, são obrigados a enviar até ao dia 30 de Janeiro próximo á Repartição de Finanças do concelho em que êsses prédios estiverem situados, uma relação com os nomes dos inquilinos (quer neles se exerça quer não comércio, industria, profissão arte ou officio) e a importancia das rendas anuais pagas por cada um, sob pena de multa na importancia de 500\$00.

Quanto á taxa complementar da contribuição industrial—Segundo os artigos 13 do decreto n.º 8830, de 16 de maio de 1923 e 1.º do decreto n.º 9498, de 14 de março de 1924, os contribuintes sujeitos no ano de 1926-1927 á taxa complementar de contribuição industrial, apresentarão, até ao dia 31 de março próximo, na Repartição de Finanças deste concelho uma declaração conforme o modelo anexo ao citado decreto 9498, sob pena de multa na importancia de 100\$00.

Quanto ao imposto sôbre o valor das transacções—Os contribuintes que pretenderem avançar-se pelo imposto correspondente ao ano económico de 1927-1928, terão de apresentar as suas propostas, na Repartição de Finanças deste concelho, até ao dia 28 de Fevereiro próximo, nos termos do decreto n.º 9348, de 7 de Janeiro de 1924. Depois d'êste praso, sómente são permitidas as avenças aos donos de novos estabelecimentos.

Quanto á taxa annual de contribuição industrial—Segundo os artigos 14 do decreto n.º 8465, de 4 de Novembro de 1922 e 1.º do decreto n.º 9498, de 14 de Março de 1924, os contribuintes sujeitos á taxa annual da contribuição industrial referente ao ano económico

de 1927-1928, apresentarão até ao dia 31 de março próximo, na Repartição de Finanças d'êste concelho, uma declaração conforme o modelo anexo ao citado decreto n.º 9498, sob pena de multa igual ao dobro da taxa que fôr devida, sem prejuizo do pagamento desta, mas não podendo a mesma multa sêr inferior a 50\$00.

Repartição de Finanças do concelho de Guimarães 15 de Dezembro de 1926.

O Chefe da Repartição de Finanças,

A. Barreiros.

## Câmara Municipal de Guimarães

## AVISO

Estando em pleno vigor a tabela dos impostos municipais, aprovada em sessão extraordinaria de 8 de Agosto de 1924, pela qual são contribuidos todos os cidadãos com estabelecimentos de comércio e industria, nesta cidade e concelho, com a denominação de «Licenças para exercicio de Comércio e Industria», avisa-se o público de todo êste concelho, de que as licenças tem de ser requeridas durante o próximo mês de Janeiro de 1927, e pagas durante o mês de Março do mesmo ano.

## CAPÍTULO 5.º

## PENALIDADES

## ARTIGO 11.º

Fica sujeito á multa de 10\$00 escudos a falta de pagamento das taxas anuais a que se refere o artigo 1.º, que será tantas vezes aplicada quantos os dias que decorrerem sem licença.

E para que ninguém alegue ignorância se publica o presente e outros de igual teor nos lugares do costume e em todas as freguezias d'êste concelho.

Guimarães, 14 de Dezembro de 1926.

O Presidente da Comissão Administrativa,

Duarte Ferrêri de Gusmão Sousa Fraga.

## CASA PATRICIO

Mudou-se esta Casa para o Largo Condessa do Juncal, (Antigo Largo de S. Paio).

Uma visita a esta casa não é tempo perdido

**OFICINA DE SERRALHARIA**  
 (ANTIGA SERRALHARIA DE LUÍS DE PINA)  
**P. & MAIA, LIMITADA**  
 Rua de Paio Galvão -- GUIMARÃES  
 Executam-se todos os trabalhos de serralharia e de torno  
 e concertam-se todas as peças para automoveis

**= GRAND-CHIC =**  
 DE  
**FRANCISCO LEITE MENDES**  
 Artigos de Modas, Fazendas Brancas e Miudezas  
 43, Rua da Republica, 47 -- GUIMARÃES  
 Esta casa vende todos os artigos com grandes abatimentos

**A. J. Ferreira da Cunha**  
 Praça D. Afonso Henriques (Toural)  
 Vendas por junto e a Retalho  
 GUIMARÃES

Fábrica de Tecidos da Madrôa  
 Fabrício de Colchas e Tinturaria a Vapor  
**Freitas, Pereira & C.ª, L.ª da**  
 Fábrica -- Rua da Liberdade  
 Escritório e Depósito -- P. D. Afonso Henriques  
 GUIMARÃES

**Gonçalves & Castro, L.ª da**  
 Especialidade de Atoalhados e Linhos  
 Largo Prior do Cráto, 6, 7 e 8  
 GUIMARÃES

FARMÁCIA NORMAL DE GUIMARÃES  
 DE  
**Manuel Jesus de Souza**  
 Praça D. Afonso Henriques  
 GUIMARÃES

**Como se evita um incêndio?**

**GRITANDO FOGO!!!?**

... Exclamação de terror que abala os ma's corajosos e nada evita.

**ABRINDO UMA JANELA!!!?**

implorando auxilio e aguardando cheios de aflição e terror que no-lo tragam?

... Minutos que parecem séculos durante os quais nos sufoca o mais artoz sofrimento.

**FUGINDO LOUCOS DE PAVOR!!!?**

deixando que o fogo destrua os nossos haveres, a nossa casinha e nos roube, por vezes, os filhos e outros entos queridos?

... Desesperada resolução que nos mata de anciedade e de dôr...

**NÃO...**

Um incêndio evita-se com extrema facilidade, extinguindo-o rapidamente, apenas êle se declarã. E para isso, **TENHAM EM CASA**

**BONS EXTINTORES DE INCÊNDIO**

como o **FYROUT** em cobre polido e de Esc.: 400\$00;

o mesmo em aço esmaltado e de Esc. 350\$00 ou ainda **FOAMERA** de Esc. 350\$00

e para automoveis o

**VALOR OTC**

de Esc.: 230\$00

Representante único em Portugal:

**NUNO SALGUEIRO — PORTO**

Representante único em Guimarães:

**BENJAMIM DE VASBONGELOS — R. da Liberdade**

Antiga Merceria da Porta da Vila  
**Pereira & Silva, Lim.ª da**  
 Especialidade em chá e café  
 24, R. da Republica, 28 — GUIMARÃES

**Francisco Joaquim de Freitas & Genro**  
 Depósito de Tabacos e Fósforos, Papelaria, Miudezas e correspondentes de várias casas bancárias.  
 GUIMARÃES

**FERNANDES GUIMARÃES & IRMÃO, Suc.**  
 Rua da Republica — GUIMARÃES  
 Depósito da Polvora do Estado  
 Vidraria, cristais e louças. Tintas, Gleas, vernizes e cimento. Artigos para caçadores.  
 Grande sortido em serviços de louça, para mesa, chá, café e lavatório.  
 Preços sem competência

Fábrica de Tecidos de Santa Luzia  
**Custódio Vila Nova & C.ª**  
 Fabrício de Colchas e Atoalhados  
 Rua de Paio Galvão — GUIMARÃES

**HOTEL CENTRAL**  
 (VULGO DA FELISMINA)  
**THEODORO DA SILVA E CASTRO**  
 Fabrício especial de Pão de Ló e Dócas Finos  
 :: Pão de Milho de Superior Qualidade ::  
 PRAÇA DA REPUBLICA -- FAFE

**"A RAZÃO"**  
 SEMANÁRIO REPUBLICANO  
 Ex.º Sr.